Cativeiro e poesia

Anotações sobre o Salmo 137

"Trabalho duro o de morrer,
Quando se ama tanto a vida"
Simone de Beauvoir.

I - INTRODUÇÃO[1]

O Salmo 137 é um lamento: ele compartilha conteúdo e forma com as lamentações. É uma resposta literária à violência babilônica: possivelmente um dos pontos mais altos da poesia hebraica. Este salmo não está isolado no tempo; pelo contrário, reflete condições históricas que podem ser determinadas com certa precisão: a Palestina de 2500 anos atrás. Território arrasado pelo expansionismo de Nabucodonosor. Ou, mais geral, a convulsionada terra do Médio Oriente do século VI aC. O próprio salmo deve ter sido escrito por volta da metade desse século VI. Cidades destruídas, templos saqueados, exércitos avançando, fome e desespero foram alguns dos fatos que formaram o cenário no qual viveu o autor. Aliás, autor desterrado e revoltado. Pede a Deus que se lembre, e clama por vingança. Sofre com suas lembranças, mas também jura não esquecer. Fala de choro e de alegria, como se estas palavras fossem duas faces da mesma realidade. Poeta de excepcional talento, desterrado, teólogo (amador?), contraditório e de poucas palavras (seu texto só tem nove versículos), o autor nos deixou um escrito que trata com ímpar clareza, embora de uma maneira poética, a situação e os sentimentos dos exilados, informando-nos sobre coisas que sem este salmo seria impossível conhecer.

A partir do ponto de vista formal o Salmo 137 tem uma estrutura básica consistente numa série de armaduras concêntricas com um X ao centro. Apesar das abruptas mudanças de conteúdo e tom – por exemplo entre o v. 7 e o v. 8 – podemos afirmar que ele é uma unidade estrutural, um grande quiasmo e uma simetria, cujas partes estão em equilíbrio[2]. Um hábil recurso estilístico, chamado

1. A maioria dos temas do presente artigo foi desenvolvida em minha dissertação de mestrado: RODRÍGUEZ, Jorge Luis. *Um salmo desde o exílio – uma abordagem do Salmo 137.* Instituto Metodista de Ensino Superior. Dissertação de mestrado, São Bernardo do Campo, 1987, 110 p.

2. Para maiores detalhes sobre a estrutura do salmo, confira: FREEDMAN, D.N. The Structure of Psalm 137. In: *Pottery, Poetry and Prophecy, Studies in Early Hebrew Poetry.* Eisenbrauns. Indiana, 1980. Confira também: AUFFRED, Pierre. Essai sur la structure littéraire du psaume 137. In: *Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft.* v. 92. Berlim, 1980, p. 303-321.

"inclusio", é usado pelo autor: Babilônia é mencionada no começo e no final do salmo. A simetria fica mais clara ainda, se se analisam as seções do poema, pois se constata que consiste em cinco unidades de aproximadamente igual tamanho. O envoltório estrutural da parte central, com os elementos exteriores (v. 4 e v. 6b) rodeando o núcleo (v. 5-6a), é um perfeito quiasmo e o coração mesmo do poema. Assim, a forma mais básica do poema é a seguinte:

Parte I	Introdução	v. 1-2	5 linhas
Parte II	Abertura	v. 3	4 linhas
Parte III	Núcleo	v. 4-6	4+4 = 8 linhas
Parte IV	Clausura	v. 7	4 linhas
Parte V	Conclusão	v. 8-9	5 linhas

II - ANÁLISE DO SALMO

1. "Perto dos rios da Babilônia" (v. 1a)

O salmo começa situando-nos geograficamente: os rios da Babilônia. Lugar para o qual foram levadas exiladas as elites de Jerusalém. O profeta Ezequiel dá uma outra informação que ajuda a compreender este primeiro versículo. Ele diz que se encontrava "no meio dos exilados perto do rio Quebar"[3]. Abdias dá, como lugar dos exilados, Sefarad (Ab 1.20).

2. "nos sentamos, e choramos
com nossas lembranças de Sião" (v. 1b)

É só lembrar os milhares de exilados latino-americanos das décadas dos anos sessenta e setenta para sentir toda a força poética e evocativa desta frase. A imagem dos exilados sentados, chorando, na beira dos rios da Babilônia traz à nossa memória as muitas histórias que escutamos em nossos dias sobre os exilados que choravam sentados nos aeroportos da Europa ou nas portas dos consulados, quando seus nomes apareciam nas listas dos que não podiam voltar. Lembrança, foi e é um ingrediente de todos os exílios: seja sentado nos rios da Babilônia, numa praça de Paris ou num parque da Alemanha. Lembrança da pátria, do lar, do conhecido, familiar. Choro, quando se tinha a certeza de que muitas dessas coisas tinham sido transformadas em ruína e desolação. Sião destruída, Santiago bombardeada. O resultado é o mesmo: dor e morte. Talvez a verdadeira punição para muitos exilados é que suas últimas lembranças são de destruição. Ao regresso, se algum dia regressam, encontraram tudo em ruínas ou mudado.

O salmista nos fala que eles choravam com suas lembranças. Não nos fala o que exatamente eles lembravam. Lembravam o quotidiano, já destruído para sempre? Lembravam o sol? O deserto? Choravam pela Jerusalém arrasada? Então, por que não usa o nome de Jerusalém, mas Sião? Se Sião é o nome mais teológico para Jerusalém, será que ele está querendo dar com esta palavra um

3. Ez 1,1; 3,15.23; 43,3; confira também Ez 1,3; 10,15; 20,22.

significado mais religioso às suas lembranças? Talvez chore por suas orações não respondidas ou pelo cruel silêncio de Deus enquanto a cidade estava sendo devastada? Choravam pelos familiares que possivelmente nunca mais voltariam a ver? Pelos que morreram defendendo a cidade? O salmista nos fala de suas lembranças de uma maneira genérica[4]. Fala de lembranças, mas não fala que tinha saudades. Talvez porque a saudade é uma forma de esperança, e a palavra esperança está ausente neste salmo.

3. "nos salgueiros que ali estavam,
penduramos nossas harpas" (v. 2)

Frente a esta atitude Francisco Brändle fez a seguinte pergunta: "Por que pendurar as harpas nas árvores, ao invés de deixá-las penduradas nas paredes de suas casas?"[5] Respondemos que os instrumentos musicais pendurados foram, possivelmente, uma espécie de protesto. Foi a resposta aos pedidos – e exigências – de cantos e alegria por parte dos invasores, dos quais nos falará o salmista no seguinte versículo. Um ato através do qual os exilados queriam mostrar sua desconformidade com a situação que estavam vivendo. Uma espécie de greve de "instrumentos pendurados". Não sabemos como reagiram os babilônios frente a este protesto. Possivelmente com indiferença. Talvez eles se sentiam poderosos demais para se incomodar com um monte de instrumentos suspensos nas árvores. Não seria algo raro, pois muitas vezes, e ainda em nossos dias, os poderosos respondem com indiferença aos atos de resistência dos mais fracos. Talvez por isso o silêncio do salmista no que se refere aos efeitos que teve seu ato de protesto.

4. "Lá, os que nos exilaram
pediam canções,
nossos raptores queriam alegria:
'Cantai-nos um canto de Sião!'" (v. 3)

Nada de estranho. Muitas vezes a cultura dos mais fracos serviu – e ainda serve – de entretenimento para os dominantes. Muitas vezes também os vencidos – como uma maneira de sobreviver – ofereceram sua cultura aos vencedores em forma de espetáculo. Alegria e música é o circo dos vencedores. Possivelmente os derrotados tinham que prestar uma homenagem aos novos governantes mediante cantos e alegria.

Lembremos que os exilados são as elites. Eles eram os privilegiados em sua terra, ou seja, a classe dominante de Jerusalém. Música e alegria devem ter formado parte da vida dessas pessoas, pelo menos antes do cerco a Jerusalém. Até é possível que eles tenham pedido alegria e cantos a seu próprio povo, enquanto os oprimiam com impostos, tributos e trabalho. Agora, na Babilônia, no exílio, os pedidos de música e alegria soam, para eles, como facadas na alma. São as voltas da vida.

4. A palavra usada no hebraico é *"bezakerenu"*, da raiz *"zkr"*.

5. "¿Por qué colgar las cítaras de los árboles en lugar de dejarlas en casa colgadas a la pared?" BRÄNDLE, Francisco. Salmo "super flumina" – Experiencia bíblica del destierro, exégesis del Salmo 137. In: *Revista de Espiritualidad*, v. 149. Madri, 1978, p. 565.

5. "Como poderíamos cantar um canto de Javé
numa terra estrangeira?" (v. 4)

O estranho é que os babilônios pedem um "canto de Sião", e os exilados respondem que não podem cantar um "canto de Javé". Será que na sua cabeça Sião e Javé/Iahweh eram a mesma coisa? Se isto for verdadeiro, estamos na presença de uma teologia altamente ideologizada. Ou será que eles não podiam cantar mais os cantos de Iahweh, porque cantar para Iahweh tinha se tornado sem sentido após o silêncio desse Iahweh durante o cerco e destruição de Jerusalém?

6. "Se eu me esqueço de ti Jerusalém,
que me esqueça minha mão direita.
Cole-se minha língua ao céu da boca
se não me lembro de ti,
se não subo Jerusalém
ao topo da minha felicidade" (v. 5-6).

No v. 1 o salmista nos falou das lembranças. Agora nos fala do esquecimento. O tom do texto muda. Já não é mais o "nós" dos versículos anteriores. Agora é um "eu". Após descrever o que estava acontecendo comunitariamente, o autor se volta para si mesmo e promete não esquecer, embora não disse exatamente o que ele não esqueceria. A palavra "Jerusalém" soa geral demais.

De que felicidade fala o salmista no fim do v. 6? Duma felicidade que ficou no passado? Duma felicidade no porvir? Duma felicidade presente que se mistura com as dores do exílio? Será que as beiras dos rios e os instrumentos pendurados já são coisa do passado? Não sabemos, embora seja claro que os verbos no passado dos quatro primeiros versículos contrastam com os verbos no presente dos v. 5 e 6. Também não deixa de ser notório que o salmista já não fala mais de Sião, mas de Jerusalém.

7. "Lembre Iahweh aos filhos de Edom
o dia de Jerusalém,
quando gritavam: Arrasai-a!
Arrasai-a até os seus alicerces!" (v. 7)

Após seu compromisso de lembrar, o salmista pede ao próprio Deus que lembre. "Lembrar" (*zkr*) não é um puro ato da mente. O lembrar, no Antigo Testamento, quase sempre é seguido por uma ação. Lembrar e atuar estão intimamente ligados, formando uma unidade[6]. Uma das características do Deus veterotestamentário é que pode lembrar e, portanto, também esquecer (Dt 4,31). O sentir-se esquecido por Deus é uma das experiências mais dramáticas registradas pelos escritores bíblicos (Sl 22; Lm 5,20). Ou mesmo sentir que Deus está dormindo (Sl 44,23). Face a isso só restava esperar em silêncio (Lm 3,25-26).

6. Confira: Ex 32,13; Lv 26,45; Dt 9,27; Ne 5,19; 6,14; 13,29.31; Sl 132,1; 136,23; Jr 2,2; 2Cr 6,42.

O objeto da lembrança devia ser a atuação dos "filhos de Edom" no "dia de Jerusalém". Quase com certeza esse dia foi o dia no qual Jerusalém foi destruída. A participação de Edom neste último acontecimento é descrita num texto de Abdias:

No dia em que estavas presente,
o dia em que estrangeiros capturavam
o seu exército,
inimigos entravam por sua porta
e lançavam sorte sobre Jerusalém,
tu também eras como um deles![7]

Edom e Israel tinham relações problemáticas desde os primeiros tempos da conquista (Nm 20,14s; Jz 17s), e o mais provável é que nunca deixaram de tê-las até a destruição de Jerusalém (Ez 35,5). No ataque a Jerusalém, Edom aliou-se aos babilônios para poder obter proveito da destruição de seu vizinho (Ez 35,10s), alegrou-se quando isso aconteceu (Ab 12), foi insolente na angústia de seus habitantes, participou do saque, exterminou os sobreviventes e entregou de volta os fugitivos. Frente a isso o profeta proclama contra Edom:

Não olhes para o dia de teu irmão
no dia de sua desgraça!
Não te alegres às custas dos filhos de Judá,
no dia de sua perdição!
Não sejas insolente,
no dia de sua angústia!
Não entres pela porta de meu povo,
no dia de sua desgraça!
Não olhes, também tu, para a sua calamidade,
no dia de sua desgraça!
Não lances mão em sua riqueza
no dia de sua desgraça!
Não te coloques na encruzilhada
para exterminar os seus fugitivos
no dia da angústia![8]

Da mesma maneira como os oráculos proféticos contra Israel não são contra todo Israel, mas contra a monarquia[9], os oráculos contra Edom também não são contra todo o povo, mas contra seus governantes. De fato o território de Edom serviu de refúgio para os judaítas (Jr 40,11), o que não poderia ter acontecido se a maioria do povo fosse contra eles[10].

7. Ab 11; confira também Ez 35,1s.

8. Ab 12-14. Há alguma evidência de que, após a destruição de Jerusalém, Edom ocupou parte do território de Judá. Conferir para isto Ez 35,5-12 e 36,2-5.

9. Como demonstrou Milton Schwantes em seu artigo Profecia e Estado – Uma proposta para a hermenêutica profética. In: *Estudos Teológicos*, 22. São Leopoldo, 1982, p. 105-145.

10. A Edom voltaremos ainda no v. 9, quando tratarmos do tema da vingança.

8. "Filha de Babel, a devastada[11]*,*
feliz daquele que dê para ti
a retribuição pelo que nos fizeste" (v. 8).

O que primeiro devemos nos perguntar é quem é esta "filha de Babel". Levando em consideração a hostilidade mostrada no versículo anterior contra Edom, poderíamos afirmar que a expressão "filha de Babel" está se referindo a ele, e a expressão "a devastada" está se referindo só a Babel, e não a toda a expressão "filha de Babel". Assim, se Babel já foi devastada, ou seja, já recebeu a retribuição pelo dano causado, não teria sentido que o salmista voltasse a pedir uma segunda retribuição. Por isso, "filha de Babel" se deveria referir a uma entidade diferente de Babel[12].

Contrário à tese de que Edom é a "filha de Babel", está o fato que em outros lugares do Antigo Testamento a expressão "filha de Babel" é usada claramente para se referir a Babilônia[13]. E sempre que esta expressão é usada no sentido figurado para descrever cidades ou áreas de alianças com outras cidades maiores, não se usa a palavra "filha", mas "filhas"[14]. No Salmo 137 é a única vez no Antigo Testamento em que é usada a expressão "filha de Babel" (com a palavra "filha" no singular).

O mais provável é que a oposição principal do salmo seja Sião x Babel, mas sem esquecer Edom, que teve uma participação importante, embora secundária, na destruição de Jerusalém. Assim, o v. 8 é claramente contra Edom, e o v. 9 seria contra Babilônia, identificada pela expressão "filha de Babel". Edom foi um aliado, menor, colaborador de um grande império, que em troca da participação na destruição de seus "irmãos" obtinha vantagens territoriais e uma parte do butim de guerra e do saque. Outros autores do Antigo Testamento também não esqueceram os acertos de contas que estavam pendentes com Edom[15].

9. "Feliz quem agarrar e esmagar
teus nenês contra a rocha!" (v. 9).

O que fazer com este v. 9? Tirá-lo simplesmente? Ignorá-lo, como têm feito os devocionários e outros textos? É bom dizer desde o começo que não adianta tentar traduzir este texto de uma maneira diferente. A palavra *"'olal"* do original hebraico é mesmo nenê/menino/criança. Por isso também não adianta tentar dar a esta palavra um outro significado. Da mesma maneira não é possível, com a ajuda da crítica, classificar esse versículo como "acréscimo posterior", "texto corrupto" ou "que ele não se encontra nos melhores manuscritos", ou alguma outra coisa parecida. Nada disso dá certo! É isso mesmo! O salmo diz com todas as suas letras: "Feliz quem agarrar e esmagar teus nenês contra a rocha!"

11. Temos mantido o particípio passivo, "a devastada" (*hashdudah*), do original hebraico, contra as versões que colocam "devastadora".

12. Para uma análise mais detalhada sobre a aplicação da expressão "filha de Babel" para Edom, conferir: OGDEN, Graham S. Prophetic Oracles Against Foreign Nations and Psalms of Communal Lament: The Relationship of Psalm 137 to Jeremiah 49,7-22 and Obadiah. In: *Journal for Study of the Old Testament*, 24 (1982), p. 89-97.

13. Como por exemplo: Is 47,1; Jr 50,42; Jr 51,33; Zc 2,11.

14. Confira: Is 16,2; Jr 49,2; Sl 48,11; Sl 97,8.

15. Confira: Is 34,1s; Is 63,1-6; Jr 49,7s; Lm 4,22; Ez 25,12s; 35,5s; Am 1,11-12; Ab 1s.

O que surpreende no texto não é a violência, nem mesmo a dureza e crueldade dela, pois certamente os babilônios tinham feito igual ou maior crueldade na destruição de Jerusalém, e, além disso, em várias outras partes do Antigo Testamento é possível encontrar este tipo de violência. A vingança como tal não é unanimemente condenada no Antigo Testamento[16]. Ele está longe de ser pacifista. No geral é um tipo de violência que se rejeita e não há no AT um repúdio em geral. Isto vai até o Novo Testamento, onde o próprio Cristo é seletivo com o tipo de violência que aprova e a que rejeita. Por isso, o que surpreende de fato em nosso salmo é o fato de que os destinatários dessa violência sejam os pequeninos: inocentes e indefesos. Isto é inadmissível, é rejeitável.

Uma tentativa de "inocentar" o salmista seria afirmar isto: ele está querendo dizer que se deve destruir os que levam consigo as marcas da Babilônia, seus filhos ideológicos. Destruí-los garante a não-repetição e reprodução dos atos que ela realizava. Ou seja, o que o autor tem em vista é o fim do Estado babilônico, o que só será possível com a destruição dos que são filhos desse sistema. Dito em outras palavras, poderíamos afirmar que mais do que um sentimento de desapiedada vingança, há um desejo de acabar com um sistema cruel, desapiedado, opressor, expansionista e imperialista. Sistema que para se perpetuar teve que criar ou "engendrar" seus filhos, dar vida ideológica a seres que o reproduziriam e o manteriam. Estes seriam os que o salmista quer ver esmagados contra os rochedos.

Embora a interpretação anterior nos pareça possível, cremos ser muito mais adequado aceitar que a Bíblia nos apresenta mesmo situações horríveis. E que o mundo bíblico não foi um mundo "esterilizado". Pelo contrário – e nisso não difere do nosso – foi um mundo de contradições, e seus personagens não estiveram livres do erro nem do equívoco. Eles amaram, mas também às vezes odiaram. Nisso foram tão humanos como nós. Profetas, profetisas, salmistas, etc. amaram a justiça e lutaram por ela – muitos deram sua vida por essa causa – mas isso não os deixou imunes aos sentimentos, às paixões e "fraquezas" humanas. Por isso a lei valia também para eles[17]. Não justificamos o salmista; porém nos parece que muito mais correto que tentar "justificar" ou "inocentar" suas palavras, é fazer um esforço por compreendê-las; sem eximi-lo, é claro, das responsabilidades, no caso, logicamente, que suas palavras se houvessem transformado em ações.

Na introdução falamos que o autor é um homem revoltado. Este versículo o confirma. Após ter descrito parte de suas vivências na Babilônia, seus atos de protesto, seu choro e os pedidos de seus captores. Após ter jurado não esquecer e ter pedido ao próprio Deus que também não esqueça. Ainda fica no fundo de seu ser um claro desejo de vingança. Não será ele quem tomará o acerto de contas em suas mãos, também não pede a Deus que o vingue. O agente da vingança será um misterioso "quem". Terrível? Sim. Mas por que deveríamos impedir o salmista de ter pensamentos terríveis? Não esqueçamos que nosso autor é humano. Não é anjo.

16. Confira 2Rs 8,12; Is 13,16; Os 14,1. Aparentemente o desejo de vingança existiu, com uma certa força, dentro dos círculos de exilados (veja Sl 79,12; Jr 49,20). Inclusive chegou-se a falar no "dia de Javé" (Is 13,6-9) e no "dia da vingança" (Is 34,8; 61,2; 63,4). Devido a estas duas expressões podemos considerar que houve gente que pensava que a vingança e destruição dos inimigos tinha relação direta com a atuação de Deus, embora não nos seja possível, num artigo pequeno como este, entrar na discussão bíblico-teológica sobre a pergunta se o "dia de Javé" é o mesmo que "dia da vingança".

17. Este ponto de vista foi exposto por mim num artigo na revista *Mosaico*, da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, abril 1994, sob o título "Violência e criança na Bíblia: uma rápida olhada".

Não sei se devemos fazer um juízo ético ou moral sobre os desejos do salmista. Talvez só devamos escutá-lo e guardar silêncio ante seu drama, e distância ante seus desejos, pois possivelmente muitos de nós já tivemos pensamentos parecidos. Ou será que nós conseguimos amar a um Pinochet, ou a um Somoza ou a um Stroessner? Talvez as palavras do salmista tenham o mérito de nos lembrar como são difíceis as palavras de Cristo que nos exortam a amar aos nossos inimigos. E aquelas outras que nos dizem que quem estiver livre de culpa lance a primeira pedra. Mas, mesmo assim, seria muito mais fácil apoiar o salmista se suas palavras fossem contra os "adultos governantes" da Babilônia, e não contra suas crianças.

Não justifico as palavras do salmista. Acho-as terríveis. Mas quando penso no longo cerco a Jerusalém, nas tropas de Nabucodonosor entrando e destruindo tudo, quando penso no penoso caminho pelo deserto rumo ao exílio na Babilônia, quando penso nos longos anos de desterro, na solidão da distância, nos templos destruídos, nas mulheres estupradas, naqueles que foram atravessados pelas espadas dos invasores. Quando penso que coisas parecidas aconteceram – e ainda acontecem – em nossa América. Muito mais que condenar o salmista, simplesmente olho para o passado e com a dor dos desaparecidos, dos torturados, dos humilhados, dos eternamente distantes, dos que viram suas vidas destruídas para sempre, dos que foram enviados ao exílio mais definitivo e solitário, a morte, brota do fundo da "névoa-nada" da minha existência, como um sussurro, uma única oração: Senhor, ensina-me a perdoar.

BIBLIOGRAFIA

Em continuação forneço uma lista de alguns trabalhos escritos na Latino-América sobre o Salmo 137:

Afroamericanos – Salmo 137. In: *500 años – Presencia cristiana en América Latina y el Caribe hoy*, Quito, 1992, p. 25-37.

CAMPBELL, Gary. Los refugiados son la imagen de Dios en medio de nosotros – Reflexión navideña sobre los refugiados. In: *Amanecer*, Manágua, 1989, n. 64, p. 33-36.

DÍAZ MATEO, Manuel. ¿Cómo cantar al Señor en tierra estranjera? In: *Revista Teológica Limense*, Lima, 1989, v. 23, n. 1/2, p. 83-97.

PONGUTA, Silvestre. *El clamor de un pueblo – Una presentación del Libro de los Salmos*. Asociación Bíblica Salesiana, Caracas, 1993.

RODRÍGUEZ G., Jorge Luis. *Um salmo desde o exílio – uma abordagem do Salmo 137*. Instituto Metodista de Ensino Superior. Dissertação de mestrado. São Bernardo do Campo, 1987, 110 p.

SÁNCHEZ, Edesio. Babilonia. In: *Boletín Teológico*. México, 1989, v. 21, n. 35, p. 213-224.

SÁNCHEZ PEREIRA, Efraín. El cántico del exiliado – Salmo 137. In: *Pastoral Solidaria*, Quito, abril de 1989, n. 26, p. 7.

SOARES, Sebastião A.G. – MELLO, Agostinha Soares de. Protesto e resistência – leitura do Salmo 137. In: *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, 1988, n. 17, p. 47-61.

TAMEZ, Elsa. A crise do refugiado – Reflexão sobre o Salmo 137. In: *Mosaicos da Bíblia*, São Paulo, 1991, n. 3, p. 35-40.

VÁRIOS AUTORES. Paixão/Páscoa. In: *Cadernos para Encontros*, v. 1. Toledo, 1989, 52 p.

Jorge Luis Rodríguez Gutiérrez
Caixa Postal 5151
09735-460 São Bernardo do Campo, SP

